

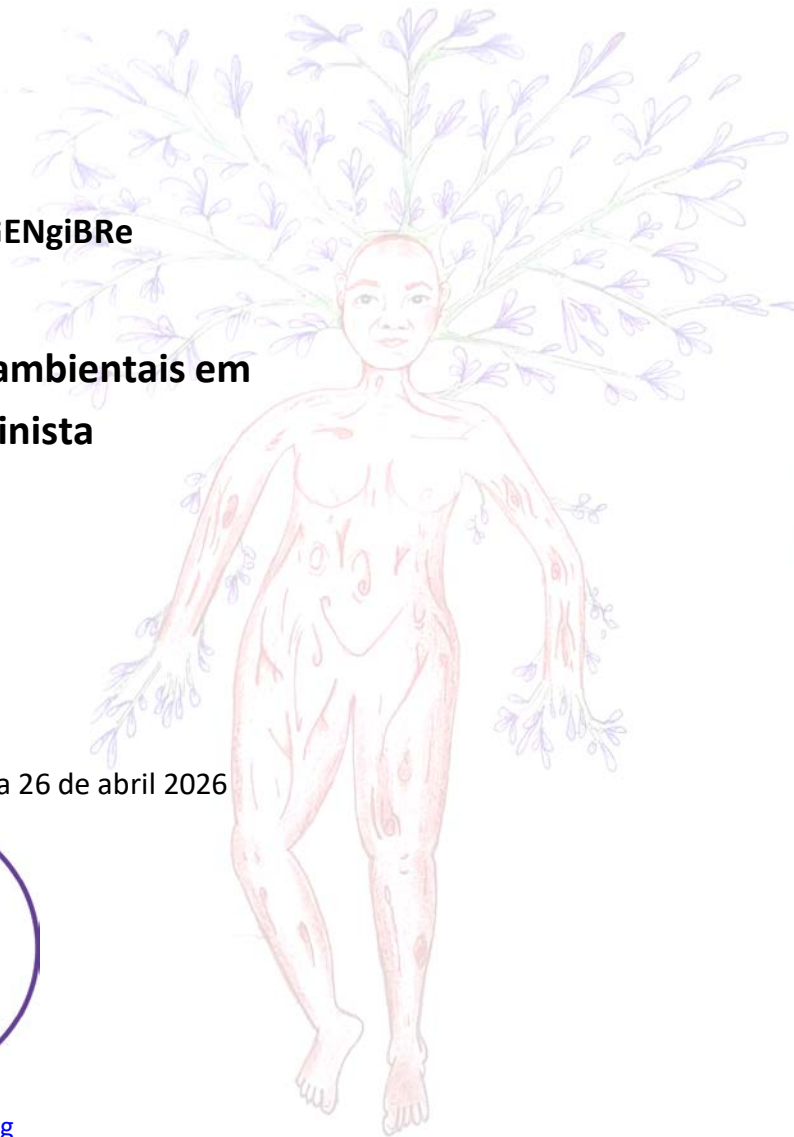
Escola de formação GENgiBRe

**Agroecologia e conflitos ambientais em
perspectiva feminista**

Viçosa / Zona da Mata (MG), 22 a 26 de abril 2026



www.gengibre.org



Apresentação

A agroecologia refere-se tanto a práticas e conhecimentos voltados para a ecologização da agricultura quanto a um movimento social resultante de diferentes conflitos. Esses conflitos são políticos (pelo direito à terra, pelas políticas agrícolas, alimentares, ambientais etc.), mas também epistêmicos. Esta última dimensão envolve o reconhecimento dos saberes locais e tradicionais, bem como o questionamento das hierarquias entre esses saberes e os saberes científicos.

A agroecologia surge no Brasil na década de 1980 a partir da aliança entre movimentos agrários e iniciativas de agricultura “alternativa” lideradas por estudantes e profissionais que se opõem aos interesses do agronegócio. Na Zona da Mata (Minas Gerais), esse movimento se organiza em torno ao Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM), em estreita ligação com os sindicatos agrários e professores e estudantes da Universidade Federal de Viçosa (UFV), importante centro de formação em agronomia. São desenvolvidas metodologias inovadoras, como os “intercâmbios”, as “vivências” de estudantes com agricultoras/es e as Caravanas, que promovem o diálogo entre diferentes tipos de conhecimento e organizam o movimento.

Também durante as décadas de 1980 e 1990, movimentos de mulheres camponesas e trabalhadoras rurais surgem em várias regiões do Brasil. Essas mulheres questionam o modelo de produção dominante e sua própria posição, subordinada, nesse modelo. Nessa época, a Sempreviva Organização Feminista (SOF) contribuí para organizar essas mulheres no sudeste do Brasil, em conjunto com organizações dos movimentos feminista e agroecológico. Nos anos 2000, essas mulheres se posicionam em novas organizações como a Articulação Nacional de Agroecologia, a Marcha das Margaridas e a Marcha Mundial das Mulheres e adotam o lema “Sem feminismo, não há agroecologia”.

Vários trabalhos nas diferentes regiões do Brasil acompanharam o surgimento das mulheres camponesas, agricultoras e trabalhadoras rurais como sujeitas políticas. Menos espaços foram dedicados às suas práticas e conhecimentos técnicos. Essa questão é ainda mais importante porque diversos conflitos socioambientais — relacionados ao uso de agrotóxicos, a um modelo predatório de exploração mineira e à proteção ambiental em terras agrícolas — estão se agravando sob o efeito da crise climática, exigindo uma nova abordagem, tanto técnica quanto política, da agroecologia.

O projeto GENgiBRe “Relação com a natureza e igualdade de gênero. Práticas e mobilizações feministas na agroecologia no Brasil”¹ contribuiu para essa agenda. Empiricamente, por meio de uma pesquisa com mais de 200 agricultoras; teoricamente, através de uma análise interdisciplinar conectando técnicas, relações de gênero, economia política e meio ambiente; metodologicamente, por meio de uma abordagem original de “pesquisação feminista” baseada na co-construção de conhecimentos com as agricultoras.

A Escola de Formação GENgiBRe “Agroecologia e conflitos ambientais numa perspectiva feminista” insere-se na continuidade destas ações. Tenciona apresentar esses resultados, bem como alarga-los através de novos diálogos. Ela reúne estudantes, pesquisadoras/es, agricultoras/es e lideranças dos movimentos agroecológico e feminista **do sudeste e do nordeste do Brasil** para um novo momento de **co-construção de conhecimentos empíricos e científicos**.

¹ Institut de recherche pour le développement (IRD), UFV, CTA-ZM, SOF e Universidade de Toulouse Jean Jaurès (UTJJ) (2021-2026) www.gengibre.org.

Temáticas

As três temáticas seguintes organizam a Escola de forma transversal.

1/ Co-construir conhecimentos em agroecologia

Tipos de conhecimentos e justiça epistêmica; metodologias e epistemologias feministas; abordagens inter- e transdisciplinar com a sociedade.

2/ Agroecologia em perspectiva feminista

Divisão sexual do trabalho e dos espaços agrícolas; manejos agroecológicos e gênero; trabalho de cuidado socioambiental, agrobiodiversidade e saúde dos solos e dos ecossistemas.

3/ Agroecologia, conflitos ambientais e gênero

Modelos extrativistas minerários e agrícolas; masculinidades e interseccionalidade; posicionamento das unidades de conservação; violências, resistências e o papel das mulheres agricultoras.

Programação

Viçosa / UFV

Quarta-feira, 22 de abril 2026

Evento aberto ao público.

8h-9h: café – recepção

9h-9h45: Boas-vindas e mesa de abertura

Com a participação de: Dieny Ellen Camargo Amorim (Rede Agroecológica de Mulheres Agricultoras, Barra do Turvo); Agricultora da Zona da Mata; Abdel Sifeddine, Representante do IRD no Brasil; Prof. Alair Ferreira de Freitas (PPGER/UFV), Natália Lobo (SOF) e Roberta Cardoso (CTA-ZM), membros da Comissão organizadora da Escola.

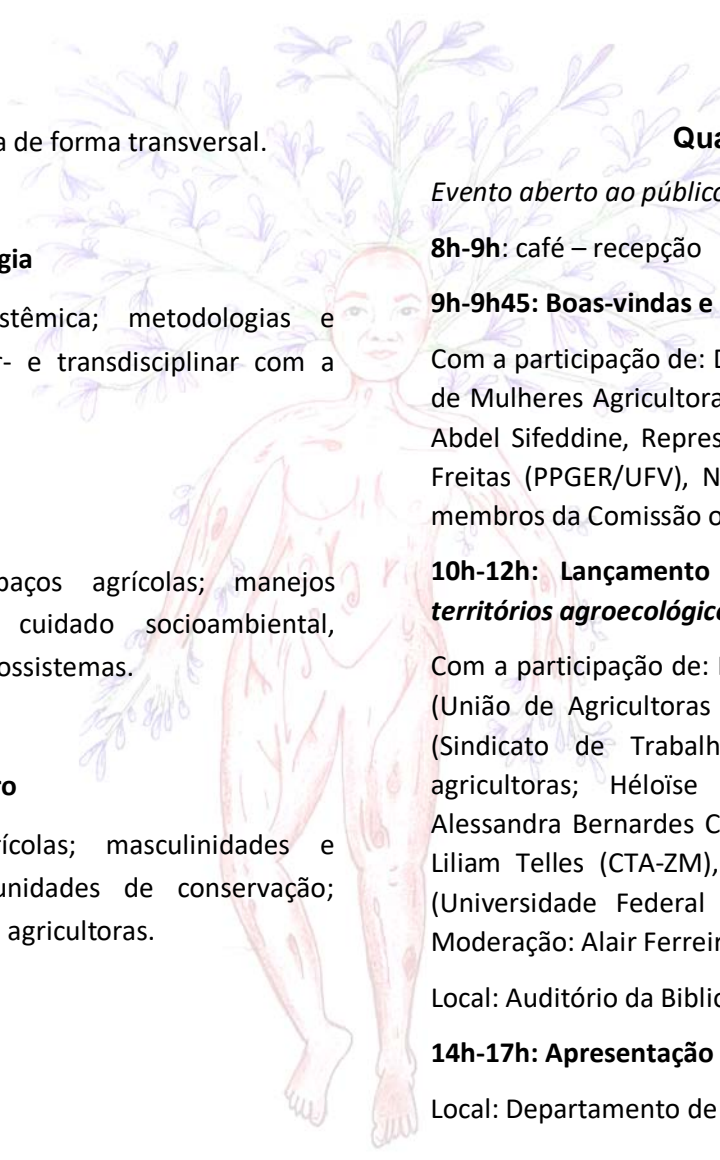
10h-12h: Lançamento do livro *Raizes da resistência. Construindo territórios agroecológicos e feministas no Brasil*

Com a participação de: Isabelle Hillenkamp (IRD/CESSMA); Janete Dantas (União de Agricultoras Agroecológica de Itaoca), Maria Cristina Matos (Sindicato de Trabalhadoras e trabalhadores rurais de Acaiaca), agricultoras; Héloïse Prévost (Universidade de Toulouse/UTOPI), Alessandra Bernardes Campos (Universidade federal de Minas Gerais) e Liliam Telles (CTA-ZM), autoras; Rodica Weitzmann e Claudia Schmitt (Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro/CPDA), debatedoras. Moderação: Alair Ferreira de Freitas.

Local: Auditório da Biblioteca central da UFV.

14h-17h: Apresentação da Escola e das e dos participantes

Local: Departamento de Economia Rural, sala 201.



Viçosa e Serra dos Puri (Divino e Muriaé)

Quinta-feira, 23 de abril 2026

Intercâmbio de dois dias realizado em parceria com a Comissão de enfrentamento à mineração na Serra do Brigadeiro.

Por meio de uma imersão em duas comunidades rurais da Serra do Brigadeiro, hoje reivindicada como *Serra dos Puri*, o intercâmbio permitirá abordar diferentes aspectos das relações entre a exploração mineira, Unidades de Conservação, formas de resistência por meio da agroecologia, etnicidade e relações de gênero.

8h30: apresentação do contexto dos territórios que serão visitados.

Local: CTA-ZM.

11h: almoço em Viçosa e saída para a Zona da Mata.

Rota 1: comunidade de Carangolinha de Cima (município de Divino). Essa rota dará ênfase à organização das mulheres agricultoras e à elaboração de um Protocolo Biocultural e de Consulta à comunidade como estratégia de resistência a projetos minerais.

Rota 2: comunidade de Belisário (município de Muriaé). Essa rota permitirá compreender a realidade de um território que já é minerado e a construção da agroecologia nesse contexto.

Tarde: visita a experiências de agroecologia, troca de saberes e rodas de conversa temáticas com as comunidades.

Noite: projeção do filme documentário *Raízes da resistência*

Janta e noite em casa de agricultoras e agricultores.

Serra dos Puri (Divino e Muriaé)

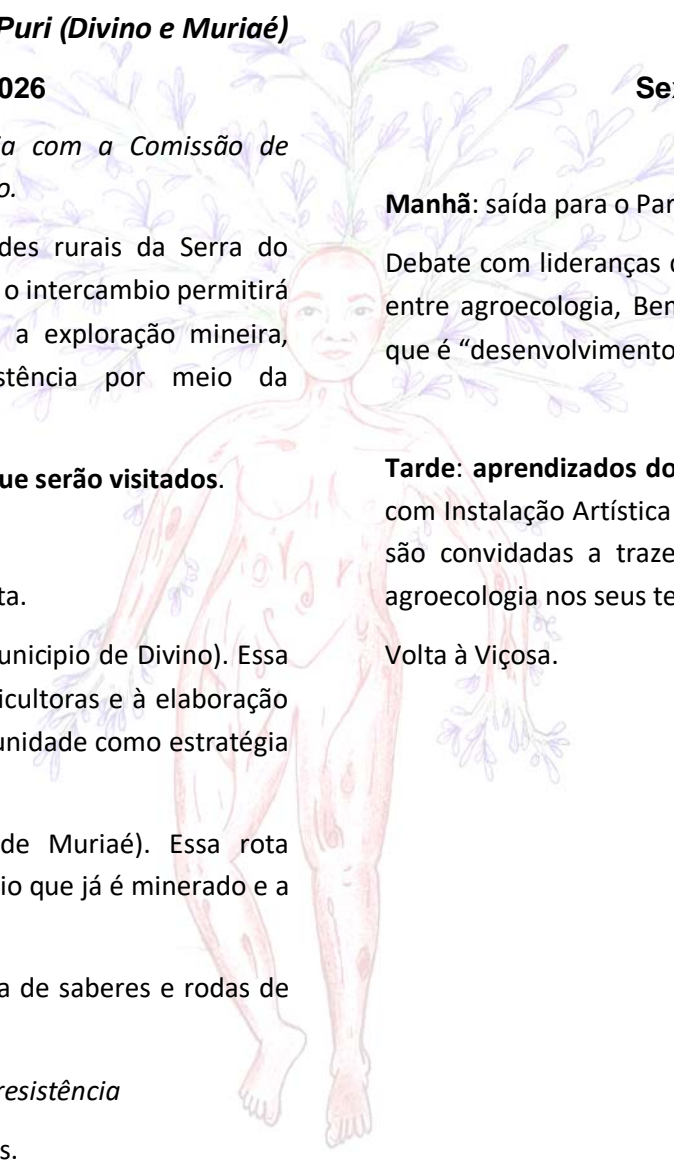
Sexta-feira, 24 de abril 2026

Manhã: saída para o Parque dos Puri.

Debate com lideranças do entorno do Parque e com o gestor do Parque: entre agroecologia, Bem-Viver, geração de renda e políticas públicas, o que é “desenvolvimento” para os e as moradoras do território?

Tarde: aprendizados do intercâmbio. Trabalho em grupos e socialização com Instalação Artística Pedagógica e roda final. As pessoas participantes são convidadas a trazer elementos que representem os conflitos e a agroecologia nos seus territórios.

Volta à Viçosa.



Viçosa / CTA-ZM

Viçosa / CTA-ZM

Sábado 25 de Abril 2026

Domingo 26 de Abril 2026

Manhã: retomada das temáticas da Escola e **ampliação a outros contextos e outras escalas** representados pelas e os participantes.

Espaços de diálogos, combinando falas de pessoas convidadas e rodas de conversa.

O que podemos aprender dos diferentes territórios e escalas? Como se manifestam os conflitos socioambientais? O que significa a agroecologia em cada contexto? E como as relações de gênero e outras relações de poder se entrelaçam com esses conflitos e com a agroecologia?

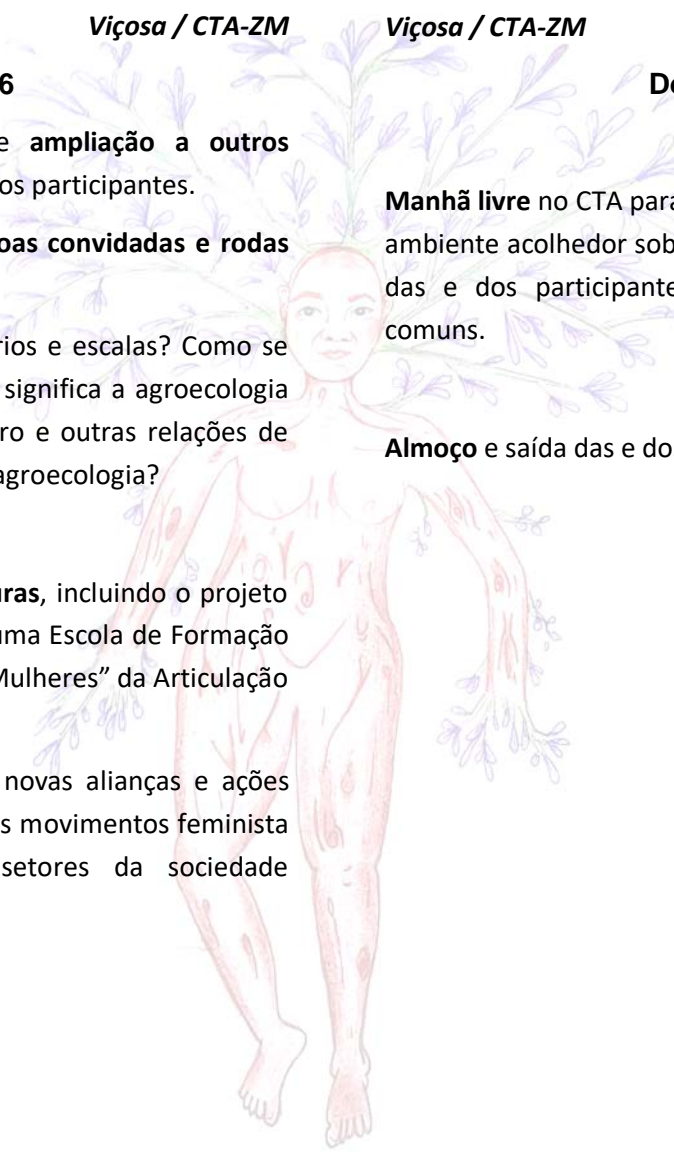
Tarde: mesa redonda sobre as perspectivas futuras, incluindo o projeto do Laboratório Misto Internacional TANSAGEM, uma Escola de Formação Itinerante e a atualidade do Grupo de Trabalho “Mulheres” da Articulação Nacional da Agroecologia.

O objetivo deste último momento é promover novas alianças e ações conjuntas, articulando as organizações de base, os movimentos feminista e agroecológico, a Universidade e outros setores da sociedade interessados em contribuir.

Noite cultural!

Manhã livre no CTA para continuarmos a trocar ideias e experiências num ambiente acolhedor sobre os aprendizados da Escola, as ações e projetos das e dos participantes, bem como nossos projetos e perspectivas comuns.

Almoço e saída das e dos participantes.



GENgiBRE

Realização:



Comissão de organização: Alair Ferreira de Freitas, Isabelle Hillenkamp, Liliam Telles, Natália Lobo e Roberta Cardoso, com a equipe do projeto GENgiBRE.

Esse encontro é um evento presencial.

Apoio financeiro:



Projeto GENgiBRE ANR-20-CE41-0002-01



Desenho "Corpo-Território": Carolina Santos Natividade e Helena Joaquina Gomes Barros